

## **A cigana, as cartas e os números do mundo**

**Jonson Ney Dias da Silva**

Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

[jonson.dias@uesb.edu.br](mailto:jonson.dias@uesb.edu.br)

Doutor em Educação Matemática

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

<https://orcid.org/0000-0002-9575-2648>

O rádio chia baixo na frequência AM, como se a cidade inteira coubesse dentro daquele som antigo. E então a voz de Simone atravessa a sala: “A cigana lê o meu destino...” A música parece não tocar apenas no rádio, mas nas paredes, nos objetos, na fumaça fina que sobe da vela na mesa de toalha vermelha.

É fim de tarde. A luz avermelhada entra cansada pelas frestas, pousa sobre a toalha vermelha, sobre as cartas já gastas de tanto anunciarem futuros, sobre as moedas antigas e os cristais espalhados como pequenos pontos luminosos e pontiagudos.

Ela está sentada diante de mim.

Os dedos carregam anéis dourados que tilintam discretamente quando embaralha as cartas. Os olhos oblíquos, lembram aqueles descritos por Dom Casmurro, olhos que parecem olhar de lado e por dentro ao mesmo tempo. O perfume de sândalo se mistura ao cheiro da vela derretida e do café antigo vindo da cozinha. O cabelo negro cai sobre os ombros como uma noite sem lua, na boca um batom vermelho carmim, com um sorriso...uau... um sorriso largo, acolhedor.

Ao lado das cartas, repousa um caderno quadriculado. Não um grimório, não um livro mágico, apenas um caderno simples, desses pequenos de escola, cheio de números, nomes, datas e pequenos riscos de caneta. Como se o destino pudesse também ser calculado em linhas retas e margens azuis.

Ela continua embaralhando as cartas devagar. As unhas longas deslizam sobre o baralho com um som seco e ritmado. A fumaça da vela sobe mais forte em espirais lentas. No rádio, a voz de Simone parece distante agora, como se viesse de outro tempo.



Ela ergue os olhos para mim.

— O que você quer saber? Você veio aqui para saber de amor? Para saber da vida? Para saber sobre o quê?

Eu demoro um pouco antes de responder. Talvez porque nem eu soubesse exatamente. Talvez porque algumas inquietações não cabem em minhas palavras.

— Ah... eu quero saber sobre tantas coisas que eu não sei nem por onde ir...

Ela permanece em silêncio.

— Confesso que vim aqui para conversar com você sobre questões que vêm permeando minha cabeça... me tirando o sono... fazendo eu questionar o que está acontecendo no mundo.

A cigana inclina levemente a cabeça.

— Questões sociais... questões ambientais... questões financeiras... São tantas coisas que me perturbam.

Ela então pousa o baralho sobre a mesa. As cartas ficam quietas entre nós, como se também escutassem.

Ela sorri de canto, daquele jeito enigmático de quem parece saber mais do que diz.

— Você não veio aqui para saber do futuro — ela murmura. — Você veio aqui porque o mundo perdeu o sentido dentro de você... e agora você está tentando reorganizar os pedaços.

Então, sem pressa, ela retira a primeira carta.

A figura estampada na carta da Torre. A cigana observa atentamente o desenho por alguns segundos e começa a falar sobre as questões ambientais, como se lesse não apenas símbolos, mas os próprios movimentos do mundo. Explica que a carta apontava para um tempo de desequilíbrio, em que a natureza já não responde da mesma forma às ações humanas. Enquanto fala, pega o caderno quadriculado ao lado da mesa e começa a rabiscar números, porcentagens, pequenos cálculos.

Ela menciona o aumento das temperaturas nos últimos anos, fala das secas prolongadas, das enchentes que se tornaram frequentes nas cidades, da irregularidade das chuvas no interior do estado. Diz que a matemática aparece nesses fenômenos antes mesmo de eles se tornarem tragédias visíveis: nos gráficos que sobem ano após ano, nas médias históricas quebradas, nos índices de desmatamento, no crescimento das emissões de carbono, nos cálculos do consumo de água e energia. Para ela, os números não eram frios; eram uma linguagem silenciosa anunciando que alguma coisa estava fora do lugar.

Enquanto a fumaça da vela continua a subir, ela explicava que as mudanças climáticas não atingem todas as pessoas da mesma maneira. Falava sobre bairros periféricos mais quentes, casas vulneráveis às chuvas, famílias inteiras vivendo em áreas de risco. A matemática surgia novamente em sua fala ao comentar sobre desigualdades: quem mais sofre quase sempre é quem menos consome, quem menos polui, quem possui menos recursos para escapar dos desastres ambientais. O problema deixava de ser apenas ambiental e se transformava em uma questão social, econômica e política.

Ela então puxa outra carta.

Dessa vez, Dez de Paus. A cigana desliza os dedos sobre a mesa e começa a falar sobre as questões sociais. Comenta sobre o aumento da violência nas cidades, sobre o medo que passou a fazer parte da rotina das pessoas, sobre o crescimento da fome, do desemprego e da desigualdade. Mais uma vez, a matemática atravessava sua leitura.

Ela a usa como uma lente para observar e falar de violência que cresce ano após ano, das estatísticas que mostram jovens negros e pobres como as maiores vítimas, dos números do desemprego e da inflação que tornam a vida cada vez mais difícil. Explica que existe matemática no preço do alimento que aumenta, no salário que já não acompanha o custo de vida, nos juros, nas dívidas e no tempo que as pessoas passam trabalhando apenas para sobreviver.

O caderno quadriculado permanecia aberto sobre a mesa como se fosse uma continuação das cartas. Ela riscava números e letras. E, naquele instante, parecia



impossível separar destino de estatística, espiritualidade de realidade concreta. As cartas deixavam de falar apenas sobre o futuro individual e passavam a revelar um mundo atravessado por crises, desigualdades e números que, silenciosamente, organizavam a vida das pessoas.

Lá fora, a noite já começava a cair. O rádio chiava ainda mais baixo, um samba de Cartola. E eu percebia, sentado diante daquela mesa pequena coberta por uma toalha vermelha, que talvez a matemática também pudesse ser uma forma de leitura do mundo, tão profunda quanto qualquer oráculo.

Como professor de matemática, começo então a enxergar naquela cena algo que sempre me inquietou em sala de aula: a impossibilidade de pensar a matemática isolada da vida. A carta, o discurso dela, os números no caderno e os problemas do mundo se entrelaçavam de maneira profundamente transdisciplinar. A matemática aparecia articulada à geografia, à sociologia, à economia, às questões ambientais, às experiências humanas concretas. Não era apenas uma disciplina escolar feita de fórmulas abstratas; era uma linguagem que atravessava a compreensão do mundo.

Ela retira outra carta.

Dessa vez, o Cinco de Ouros. Sua leitura se desloca para discutir a vulnerabilidade da condição humana. A cigana volta seu olhar para a saúde, o sofrimento psíquico, o isolamento social e as fragilidades que atravessam a existência. Mais uma vez, a matemática emerge naturalmente em sua interpretação. Ela menciona as estatísticas sobre o crescimento de transtornos como a depressão e a ansiedade, os indicadores de saúde pública, as taxas de adoecimento e outros dados que evidenciam como o sofrimento humano também pode ser observado por meio dos números. Assim, demonstra que, embora os sentimentos e as experiências sejam singulares, a matemática possibilita compreender padrões coletivos, revelando dimensões da realidade que muitas vezes permanecem invisíveis ao olhar cotidiano.

Enquanto ela fala, penso em como muitas vezes a escola apresenta esses números de forma descontextualizada, como se fossem apenas exercícios prontos em páginas de livros didáticos. No entanto, ali, diante daquela mesa pequena iluminada pela vela, os números ganhavam rosto, território, sofrimento e humanidade. A matemática deixava de ser apenas cálculo e passava a ser também interpretação crítica da realidade.

Percebo então que aquela conversa com a cigana revelava algo maior: a transdisciplinaridade não acontecia apenas pela junção de conteúdos diferentes, mas pela compreensão de que os problemas do mundo são complexos demais para caberem em uma única área do conhecimento. As questões ambientais dialogam com a economia; a violência se relaciona com desigualdades sociais; as mudanças climáticas afetam o preço dos alimentos, os fluxos migratórios, as condições de vida das populações mais pobres. E em todas essas dimensões, a matemática aparece como ferramenta de leitura, análise e compreensão crítica.

O caderno quadriculado permanecia aberto sobre a mesa, ao lado das cartas gastas pelo tempo. E talvez fosse justamente aquela a imagem mais forte daquela noite: as cartas e os números coexistindo no mesmo espaço, como se ambos tentassem, cada um à sua maneira, decifrar as complexidades do mundo contemporâneo.



## **A cigana, as cartas e os números do mundo**

## **The gypsy, the cards, and the world's numbers**

## **La gitana, las cartas y los números del mundo**

### **Resumo**

Em uma sala iluminada por velas, ao som de Simone no rádio AM, um professor de matemática procura uma cigana para conversar sobre inquietações que atravessam o mundo contemporâneo. Durante a leitura das cartas do tarô, temas como mudanças climáticas, desigualdade social, violência e crise econômica emergem articulados a gráficos, estatísticas e cálculos registrados em um caderno quadriculado. A narrativa evidencia como a matemática ultrapassa fórmulas abstratas e se constitui como ferramenta crítica de interpretação da realidade. Entre cartas, números e experiências humanas, a crônica revela a transdisciplinaridade como possibilidade de compreender as complexidades sociais, ambientais e humanas do presente.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Desigualdade Social. Leitura de Mundo. Cartas. Matemática.

### **Abstract**

In a candlelit room, to the sound of Simone playing on an AM radio, a mathematics teacher seeks out a fortune teller to discuss concerns that permeate the contemporary world. During the tarot card reading, themes such as climate change, social inequality, violence, and economic crisis emerge intertwined with graphs, statistics, and calculations recorded in a squared notebook. The narrative highlights how mathematics goes beyond abstract formulas and becomes a critical tool for interpreting reality. Between cards, numbers, and human experiences, the chronicle reveals transdisciplinarity as a possibility for understanding the social, environmental, and human complexities of the present.

**Keywords:** Environmental Education. Social Inequality. Reading the World. Cards. Mathematics.

### **Resumen**

En una sala iluminada por velas, al sonido de Simone en la radio AM, un profesor de matemáticas busca a una gitana para conversar sobre inquietudes que atraviesan el mundo contemporáneo. Durante la lectura de las cartas del tarot, temas como el cambio climático, la desigualdad social, la violencia y la crisis económica emergen articulados con gráficos, estadísticas y cálculos registrados en un cuaderno cuadriculado. La narrativa evidencia cómo las matemáticas van más allá de fórmulas abstractas y se constituyen como una herramienta crítica para interpretar la realidad. Entre cartas, números y experiencias humanas, la crónica revela la transdisciplinariedad como posibilidad para comprender las complejidades sociales, ambientales y humanas del presente.

**Palabras clave:** Educación Ambiental. Desigualdad Social. Lectura del Mundo. Cartas. Matemáticas.

